

SÍNTESE DA AULA 06/05/2017 – “LÍRICA” GREGA ARCAICA – INTRODUÇÃO

Profa. Dra. Giuliana Ragusa

[gragusa@usp.br](mailto:gragusa@usp.br) / [gragusa707@gmail.com](mailto:gragusa707@gmail.com) / <https://usp-br.academia.edu/giulianaragusa>

[IEC I – Profa. Dra. Marly de Bari Matos]

**A “LÍRICA” GREGA ARCAICA**

PROBLEMAS DA RELAÇÃO NOME-OBJETO

- A aceção antiga e a aceção moderna do termo “*lírica*” – os dois usos do termo e os resultados distintos que produzem;
- História da palavra *lírica* (em grego, *lyriké*) – seu surgimento na Antiguidade (Biblioteca de Alexandria), em associação ao termo *lyra* (lira) – e sua relação com a palavra *mélica* (em grego, *meliké*), derivada do termo *mélos* (“canção”, abrangendo palavra e música).
- As dificuldades de abordagem suscitadas pela leitura romântica (e modernizante, portanto) da poesia antiga, notavelmente as associadas ao termo *lírica* e às expectativas relativas à voz em 1ª pessoa do singular;
- As distintas naturezas da poesia moderna e da poesia antiga e os problemas de analogias diretas entre elas – analogias como a que sustenta a aceção moderna do termo “*lírica*”;
- **O *corpus* de arcaico de poesia não hexamétrica e não dramática, na aceção moderna denominado de modo abrangente e impreciso pelo termo “*lírica*”:** um conjunto variado de poetas, de geografias, de tradições culturais (metro, mito, música, dialeto e assim por diante), e de gêneros poéticos autônomos e independentes e jamais confundidos ou equiparados, a saber, a elegia, o jambo, e a mélica (nome mais antigo para a poesia lírica).

- As definições básicas dos gêneros poéticos acima mencionados e alguns textos ilustrativos: **elegia** (critério métrico associado à ausência de linguagem e conteúdo ligados à vulgaridade, ao sexo e à vituperação); **jambo** (critério métrico associado à presença de linguagem e conteúdo ligados à vulgaridade, ao sexo e à vituperação, além de conteúdos e de linguagem mais séria e elevada); **mélica (ou lírica)** (o modo de *performance* dá a definição básica desse gênero que é o da canção para acompanhamento da lira, em modo solo ou coral [se coral, com acréscimo da dança e de múltiplos instrumentos]).
- As duas ocasiões centrais, institucionalizadas, mas não únicas, de *performance* da elegia, do jambo e da mélica: o simpósio e festival.

### DADOS COMPLEMENTARES

- I) Sobre a preservação do *corpus* dos poetas gregos antigos e o surgimento do termo *lírica* em sua acepção antiga (a única precisa e consistente), lembre-se a famosa **Biblioteca de Alexandria**, que, no Egito dos Ptolomeus, na era helenística (c. 323-31 a.C.), de prevalente cultura da escrita, se dedicou a preservar a poesia e a prosa grega antigas, ali editadas e comentadas por eruditos, e copiadas por escribas em geral iletrados. Cabe ressaltar que a Biblioteca (nome que vem do termo grego *biblion*, “rolo de papiro”, e, por extensão, “livro”) era, na verdade, uma das salas do *Museion* (literalmente, “a casa das Musas” e, daí, “Museu”) erigido pelo faraó Ptolomeu I, o Sóter (305-285 a.C.), que foi general do conquistador macedônio Alexandre, o Grande. A Biblioteca esteve ativa até meados do século V, mas seu apogeu foi vivido até o século I a.C., quando, em 47 a.C., uma catástrofe a atingiu.
- II) Sobre a **poesia antiga grega**, notadamente a arcaica e a clássica, que é, em sua natureza, **discurso**, eminentemente, composto genericamente (ou seja, com base nos gêneros e em suas práticas tradicionais, com profunda articulação entre **metro, matéria e adequação**); que é **pragmática**, porque ligada à vida da comunidade; que é de **performance pública**,

cabe destacar que tal *performance* se dá sempre em chave de competição, seja no festival (cívico-cultural e público), seja no simpósio (restrito à casa e àqueles chamados a participar da reunião).

- III) Sobre a transmissão dos textos, mais precisamente ditos fragmentos, da elegia, do jambo e da mélica (ou lírica) até nós, recorde-se que ocorre de duas maneiras: por **fontes de transmissão indireta** – ou seja, por **citações** parciais ou integrais de poemas em tratados antigos, as quais visam em geral ilustrar algo de que se fala; ou por **fontes de transmissão direta** – ou seja, por **inscrições** (poucas), pelos muito numerosos **papiros**, pelos **manuscritos medievais** (poucos).
- IV) Os gêneros e seus poetas mais representativos – os três gêneros se espalham no período arcaico, desde meados do século VII a meados do V a.C. (c. 650 a 450 a.C., aproximadamente):

**MÉLICA – A LÍRICA PROPRIAMENTE DITA** **Álcman, Safo, Alceu, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Baquilides e Píndaro** (cânone dos *ennéa lyrikoí*, os “9 líricos”)

**A ELEGIA ARCAICA** Arquíloco, Mimnermo, Semônides, Calino, Tirteu, Sólon, Teógnis, Anacreonte, Simônides

**O JAMBO ARCAICO** Arquíloco, Semônides, Hipônax, Anacreonte

- V) Dos três gêneros poéticos, a mélica é a única que tem espécies ou tipos ou gêneros ou subgêneros – qualquer dessas nomeações pode ser usada. Como se vê no *handout* da aula, com a **Mínima Antologia** de fragmentos, temos duas das muitas espécies de mélica: o **epitalâmio** (literalmente, a canção sobre o tálamo, o leito nupcial, logo, a canção de casamento), e o **partênio** (a canção para ser cantada e dançada na *performance* em festival por um coro de meninas virgens [*parthenos* é “virgem”], o que quer dizer, no mundo grego, jovens que já deixaram a infância e que são

dotadas de sensualidade, mas não ingressaram na vida adulta e na condição de mulher porque ainda não participam do mundo do sexo, porque não são casadas – o casamento é o evento crucial da vida da mulher na Grécia antiga). Note-se que, como a própria mélica (ou lírica), o epitalâmio e o partênio, bem como as demais espécies, se definem basicamente por sua **natureza performática** e pela **função que devem cumprir na vida prática das comunidades**.

### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

No *handout* da aula, com a *Mínima Antologia* de fragmentos, são indicadas obras que trazem traduções e estudos dos gêneros e dos poetas, e obras de estudo verticais (colocadas na bibliografia detalhada). Mas destaco obras de caráter introdutório, que podem ser aproveitadas por todos os que se debruçam sobre a poesia:

ACHCAR, F. “Lírica e lugar-comum”. In: *Lírica e lugar-comum*. São Paulo: Edusp, 1994, pp. 25-56.

RAGUSA, G. (org., trad.). “Mélica grega arcaica”. In: *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013, pp. 11-35.

O capítulo indicado da obra do Prof. Francisco Achcar (UNICAMP) discute muitos aspectos abordados brevemente na aula, principalmente os relativos aos problemas relativos à carga romântica do termo “lírica” e à natureza da poesia antiga, distinta da natureza da poesia moderna.

O capítulo indicado de minha obra discute em mais detalhe, mas ainda de modo econômico e destinado a todo leitor interessado, todos os pontos abordados na aula, e outros que lhes podem ser acrescentados (como um panorama sobre o simpósio e o festival).

Ressalto que a antologia é voltada sobretudo aos alunos de Letras, e, por isso, traz as traduções combinadas a explicações de caráter histórico, teórico, cultural e assim por diante – tudo o que possa ser mais importante para a compreensão dos textos e sua apreciação.